

JORNAL DO BRASIL

Um outro caminho?

28 ABR 2006



José Sarney,
senador
(PMDB-AP)

Membro da Academia
Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

O GESTO MAIS INTELIGENTE E SÁBIO tomado neste mundo conturbado e preso da síndrome do medo foi o do novo primeiro-ministro de Israel, Olmert, ao não retaliar o ataque enlouquecido e desumano feito por um terrorista suicida do Hamas em Tel Aviv, que provocou a morte de nove pessoas. Só um gesto, mas que pode interromper a cascata de sangue que todos condenamos.

A dura política de Sharon respondendo à fúria dos suicidas com a represália de mais mortes e mais violência não tornou Israel mais seguro nem abriu caminho para a paz. Sharon era um guerreiro que por sua formação e vivência só acreditava na força. E o que assistimos foi à escalada da violência sem resolver nada. Só deu mais carne aos radicais.

Esta atitude de usar a força total também foi a de George Bush, por outros motivos. Ele se agarrou ao terror para legitimar-se politicamente, depois de uma eleição decidida pela Suprema Corte dos Estados Unidos. E até hoje her-

damos a política da radicalização e do aumento do terrorismo, sua marca.

Bush atacou o braço invisível do terror com a mão de quem queria acertar contas de antigas hipotecas herdadas do seu pai, na guerra do Golfo. Dividiu o mundo ocidental e não diminuiu o terror. Ao contrário, multiplicou-o.

O aumento da capacidade de destruição nos mostra que não se pode transigir com os arsenais atômicos

É claro que não é dado a nenhum país o direito de tornar-se vulnerável às ameaças que possam atingir sua segurança. Mas há várias maneiras de agir e reagir.

Como poderia ser diferente se, em vez de iniciar duas guerras, a do Afeganistão e a do Iraque, ele unisse o

mundo numa ação solidária contra o terror, através de acordos de cooperação, unificação das forças nacionais – militares e de inteligência –, para mapear os focos potenciais de terror e esmagá-los.

O sistema adotado já custou dezenas de milhares de vítimas inocentes. Bin Laden está solto e ameaçador. Saddam está enjaulado e no Iraque a perspectiva menos pessimista é de terminar tudo num governo teocrático xiita.

O maior esforço feito para enfrentar esse desastre que – não se pode negar – tem sua origem na questão da Palestina, foi feito por Clinton. Infelizmente ele não encontrou um interlocutor como Sadat, que sacrificou sua vida, mas salvou o Egito da fomalha do Oriente Médio. Seu não parceiro foi Arafat, velho, doente, decadente, de mentalidade moldada na violência dos atentados e sem força de impor uma solução negociada entre os palestinos e Israel.

O resultado foi a radicalização, com os atos terroristas espocando em todos os cantos do mundo e o afloramento do mais

grave de todos os problemas: o do Irã. O Irã com poder nuclear é a desestabilização da região e um perigo para o mundo.

A sobrevivência da humanidade enfrenta desafios que vão das doenças desconhecidas até os conflitos localizados, passando pelas drogas, pelas armas químicas e pelas mutações genéticas. Mas nenhum deles é tão próximo, porque já do domínio do homem, quanto o nuclear. O arsenal já estocado de ogivas, os vetores, o aumento da capacidade de destruição nos mostram que não se pode transigir com os arsenais atômicos.

A política de radicalização de Bush nos deu esses resultados. Ainda bem que Olmert nos desperta a esperança de que haja algo de novo debaixo do sol. E todos ajudaremos Israel a construir a paz, fora da violência e pelo diálogo e negociação.

Esse novo caminho, que ainda não foi tentado, pode trazer o compromisso da segurança e inviolabilidade de Israel e a criação do Estado Palestino.